

**“O LOBO E O CORDEIRO” E “A RAPOSA E AS UVAS”:
UMA LEITURA COMPARADA –
FEDRO, ESOPPO, LA FONTAINE,
MONTEIRO LOBATO E MILLÔR FERNANDES**

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Marcos André Menezes dos Santos (UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

RESUMO

No minicurso, propomos focalizar algumas fábulas de Fedro e a partir da tradução dos poemas-texto deste autor, teremos por intenção compará-lo com Esopo, fabulista da Grécia antiga, com La Fontaine, fabulista francês, com Monteiro Lobato e com Millôr Fernandes, estes dois últimos da nossa literatura brasileira. Depois deste cotejo, destacaremos os pontos de contato, bem como as diferenças estilísticas entre as fábulas destes autores referidos. Analisados alguns aspectos linguísticos e estilísticos, deter-nos-emos, enfim, nos aspectos moralizantes das fábulas, analisando a forma como cada autor moraliza as suas fábulas, destacando suas semelhanças e diferenças. Vale ressaltar que nosso trabalho tem um toque de originalidade, tendo em vista que não há registros de um trabalho dessa envergadura.

Palavras-chave: Fábulas. Fedro. Esopo. La Fontaine.

1. Introdução

Este minicurso, em que trabalharemos as fábulas “O lobo e o cordeiro” e “A raposa e as uvas” dos autores Fedro, Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes, é o resultado de uma bolsa de pesquisa do estágio interno complementar (EIC) do qual participei entre os anos de 2012 e 2013, enquanto cursava as graduações de latim e grego na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sendo diligentemente orientado pelo professor Dr. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro.

Neste trabalho, nós nos propomos traduzir, não só do latim para o vernáculo os textos originais do fabulista latino Fedro, da Roma do I século d. C., como também, do grego para o vernáculo os dois textos supracitados do fabulista grego Esopo, do século VI a. C. A partir das fábulas desses dois autores, teremos por intenção compará-los entre si e com outros renomados fabulistas que os sucederam como La Fontaine, fabulista francês, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes, estes dois últimos da nossa literatura brasileira. Dessa maneira, teremos a finalidade de destacar os pontos de contato, bem como as diferenças de estilo existentes entre eles. Uma vez analisados esses aspectos linguísticos, deter-nos-emos, enfim, nos aspectos moralizantes das fábulas, a partir do ponto de vista de cada autor. Desse modo, esta nossa pesquisa, de certa forma, torna-se inédita, tendo em vista que não há registros de um trabalho dessa envergadura.

Ressaltamos que a elaboração dessa atividade foi de suma relevância para a nossa formação acadêmica, no nível de graduação, pelo fato de ter-nos iniciado no trabalho científico e de ter-nos concedido uma maturidade e perspicácia em termos de pesquisa, além de motivar-nos mais ainda para os estudos clássicos.

Garantimos, dessa maneira, que este trabalho muito nos contribuiu também pelo fato de ter estendido nossa vida acadêmica para além das salas de aula, dando-nos, assim, a oportunidade de atuar de uma forma mais participativa e integral daquilo que é a proposta da universidade, que busca levar os alunos a elaborar e construir os seus próprios conhecimentos. Nesse sentido, foi-nos uma experiência válida, motivante e enriquecedora na nossa vida de discente, tanto por tal trabalho ter-nos oferecido suportes preciosos e firmes, como também pela sólida orientação que tivemos.

Antes, porém, de nos debruçarmos, então, sobre as mencionadas fábulas, gostaríamos de fazer um apanhado geral sobre esse gênero, tão controverso nas literaturas grega e latina.

2. *Origem das fábulas*

Manuel Avezala, no seu livro *As Fábulas de Esopo*, escrevendo acerca da origem do gênero fábula, nos relata que ela perde-se na pré-história, podendo ser considerada uma variante do conto popular, o qual, por sua vez, deve ter nascido desde quando os homens começaram a co-

municar-se verbalmente (AVELEZA, 2002, p. 31). Outros autores como Citroni *et alii*, considerarão que o gênero fábula tem origens remotas na Mesopotâmia, testemunhadas por textos sumérios do início do segundo milênio (CITRONI, *et alii*, 2006, p. 705). O autor Samuel Netto, por sua vez, informa-nos que parte do material que se encontra nos nossos primeiros fabulistas ocidentais (mais à frente conhecê-los-emos) parecem pertencer ao passado comum de relatos populares tradicionais que está nas raízes das fábulas hindus (PFROMM NETTO, 2001, p. 4.). Em síntese, pelo que esses autores nos informam, consideramos, junto com Aveleza, que a origem das fábulas se perde na pré-história sem sabermos precisar exatamente quando.

No ocidente, por sua parte, a primeira fábula de que se tem notícia é "O Falcão e o Rouxinol", de Hesíodo (séc. VIII a.C.), que se encontra em sua obra: *Os trabalhos e os dias*. Depois, nos séculos VII e VI a. C. vários autores helênicos compuseram diversas fábulas, das quais apenas poucos fragmentos, ou notícias indiretas nos chegaram. Porém, é Esopo que será considerado o pai das fábulas, "pelo fato de ele ter sido o primeiro a utilizá-la metodicamente e com sucesso" (AVELEZA, 2002, p. 36), consoante nos aponta Aveleza. Como nos é relatado por Citroni, "não foi por acaso que a invenção da fábula foi atribuída a Esopo, um escravo estrangeiro e uma figura semilendária de portador de um tipo de sabedoria elementar dotada de uma eficácia desarmante" (CITRONI *et alii*, 2006, p. 705.). Como ainda é salientado por Citroni, "à volta de Esopo (o qual data do século VI a. C.) formara-se um vasto anedotário romanesco, e a ele se acabava por atribuir praticamente todo o patrimônio relacionado com fábulas de animais veiculadas pela sabedoria popular". Citroni ainda nos relata que "a primeira coletânea de fábulas esópicas de que há notícia foi feita por Demétrio de Falero, por volta de 300 a.C. Porém as coletâneas que sobreviveram são muito tardias, situando-se entre os séculos II e V d. C." (*Idem*, p. 705)

Quanto à presença das fábulas no ambiente latino, Ettore Paratore nos informa que "a fábula mais refinada da poesia latina é o apólogo do rato do campo e do rato da cidade, na sátira II,6 de Horácio; mas testemunhos dão-nos a entender que já na poesia arcaica latina, em Êpio e em Lucílio, tinham sido introduzidas fábulas" (PARATORE, 1983. p. 553). Paratore ainda nos fala que "o primeiro século do Império apresenta-nos um autor que foi o primeiro, na literatura latina, a fazer da fábula a sua única forma de arte; e talvez tenha sido o primeiro de toda antiguidade clássica." (*Idem*) Paratore retrata o fabulista Fedro, que se fez poeta de

fábulas, não apenas pelo desejo "de reparação moral das injustiças observadas e talvez sofridas na sua vida, mas também pelo desejo de conquistar fama escolhendo uma via não seguida há muito pelos outros poetas." (*Ibidem*)

No que se refere à origem de Fedro, tendo-se pouco conhecimento a seu respeito, sabe-se, pelo que se extrai das informações de sua obra, que ele não é latino, porém, como nos diz Marmorale, "absorveu a civilização, o espírito e a moral latina, até o ponto de se poder considerar um dos expoentes mais típicos de algumas facetas da mentalidade romana" (MARMORALE, 1974, p. 12). Assim, Fedro nasceu na Trácia, foi levado a Roma como escravo, pertencente ao imperador Augusto, sendo por esse depois libertado. Como o próprio Fedro fala, no título de sua obra, ele foi um liberto de Augusto. Viveu no início do séc. I d.C. Escreveu durante os reinados de Tibério e Calígula, entre os anos 14 e 41 d.C. Por ocasião do governo de Tibério, Fedro lançou seus dois primeiros livros de fábulas, que continham alusões políticas ao mau governo de Roma e à conduta condenável dos nobres. Talvez por causa dessas alusões políticas que tenha feito, foi perseguido por Setjano, principal auxiliar do imperador Tibério, pois como nos diz Zélia de Almeida Cardoso (2011, p. 119) "aludiu claramente a fatos e pessoas de sua época, o que lhe valeu o exílio". Escreveu ao todo 123 fábulas, reunidas em um número de cinco livros. Porém, como nos diz Marmorale (1974, p. 14), "a sorte de Fedro não foi grande na antiguidade", pois, nos dizeres de Paratore, dos autores ilustres posteriores a ele talvez só Marcial o tenha recordado, uma vez que Sêneca não o conheceu ou finge não tê-lo conhecido (PARATORE, 1983, p. 554). Assim, o primeiro que de fato nomeou Fedro foi Aviano, fabulista latino do século V. "Desde então, a fama de Fedro aumentava cada vez mais" (MARMORALE, 1974, p. 15.). E bastante difundidas, como nos diz Zélia Cardoso (2011, p. 119), suas fábulas serão "imitadas por escritores de várias épocas e nacionalidades".

Um desses escritores, que se inspirará em Fedro e Esopo, será o fabulista francês do século XVII, La Fontaine. Ele não foi o único da literatura fabular francesa, mas é o que mais se destaca, sendo assim o principal. Dessa forma, La Fontaine também se torna um modelo para a sua posteridade e dentre esses autores da posteridade, alguns se fizeram presentes no Brasil.

Aqui no nosso país, como nos relata Samuel Pfromm Netto (2001, p. 25), a fábula teve seus cultores desde o século XIX, e no século XX ela se inscreve quase toda no âmbito dos livros para crianças e adolescen-

tes, com o predomínio de breves historietas em prosa. Assim, é do século XX o nosso mais famoso fabulista, Monteiro Lobato que nasceu no dia 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté e faleceu no dia 05 de julho de 1948 com problemas cardíacos.

Monteiro Lobato se envereda pelas fábulas e pelos contos depois do nascimento dos seus filhos. É a partir daí que ele percebe que faltavam boas histórias para as crianças brasileiras, pois o que havia, em geral, eram traduções de livros estrangeiros difíceis na leitura e com cenários diferentes dos nossos. Desse modo, ele inventa o Sítio do Pica-pau Amarelo em 1920 e adapta contos de fadas e clássicos da literatura. Reconta fábulas como, por exemplo, as de Esopo, de Fedro e de La Fontaine.

Também entre os séculos XX e XXI encontramos ainda Millôr Fernandes, que atuou como fabulista. Millôr nasceu em 1923, no Rio de Janeiro e faleceu também no Rio de Janeiro em março de 2012.

3. Características das fábulas

Mas afinal de contas, quais são as características do gênero “fábulas”?

Quem nos ajuda a conceder as características do gênero fábulas é Manuel Azeiteira. Conforme ele próprio nos ensina, as fábulas são uma breve narrativa alegórica, de caráter individual, moralizante e didático (AZEITEIRA, 2002, p. 32). Maximiano Gonçalves (1952, p. 26) também afirma que Fedro, as fábulas têm um duplo objetivo: provocar o riso e admoestar por meio de conselhos.

Nas fábulas, os seres irracionais (animais, coisas ou objetos) contracenam entre si, pensam, sentem, agem e falam como se fossem seres humanos. Nas cenas, simbolizam situações, comportamentos, interesses, paixões e sentimentos que nem sempre podem ser focalizados diretamente, às vezes, por satirizar ou criticar pessoas ou grupos políticos.

Como nos diz Azeiteira, "por vezes a fábula propõe imaginosas explicações sobre a origem de certos comportamentos, ou situações, relacionados com animais ou com coisas e objetos, assumindo, assim, intenções etiológicas." (AZEITEIRA, 2002, p. 32)

3.1. A fábula “A Raposa e as Uvas”

3.1.1. *De uulpe et uua (Fedro)*

Fame coacta uulpes alta in uinea
 uam adpetebat summis saliens uiribus;
 quam tangere utnon potuit, discendens ait:
 “nondun matura est; nolo acerbam sumere.”

Qui facere quae non possunt uerbis eleuant,
 adscribere hoc debunt exemplum sibi.

Coagida pela fome na alta videira, a raposa cobiçava um cacho de uvas saltando com todas as forças, como não pôde tocá-la, afastando-se disse: “ainda não está madura; não quero apanhá-la azeda”.

Aqueles que elevam pelas palavras as coisas que não podem fazer, deverão acrescentar para si este exemplo.

3.1.2. *A Raposa e as Uvas (Esopo)*

Uma raposa faminta, como acabara de ver alguns cachos de uvas pendurados de uma parreira, queria apoderar-se delas e não pôde. Retirando-se, então, disse a si mesma: “Estão verdes”.

Assim também alguns dos homens que não podem tornar-se capazes das atividades por causa da (sua) fraqueza acusam as circunstâncias.

Ἀλώπηξ καὶ βότρυς (Esopo)

Ἀλώπηξ λιμώπουσα, ὡς ἐθεάσατο
 ἀπὸ τινος ἀναδενδράδος βότρυας
 κρεμαμένους, ἠβουλήθη αὐτῶν
 περιγενέσθαι καὶ οὐκ ἠδύνατο
 Ἀπαλλαττομένη δὲ πρὸς ἑαυτὴν εἶπεν
 “Ὅμφακές εἰσιν”.

Οὕτω καὶ τῶν ἀνθρώπων ἔνιοι τῶν
 πραγμάτων ἐφικέσθαι μὴ δυνάμενοι δι'
 ἀσθένειαν τοὺς καιροὺς αἰπιῶνται

3.1.3. *A Raposa e as Uvas (La Fontaine)*

Certa raposa da Gasconha ou Normandia
 Quase morta de fome, avistou bem no alto
 De uma parreira uvas maduras,
 De casca vermelha e macia,
 Que podiam lhe dar almoço bom e farto;

Mas disse, não podendo as alcançar:
“Estão verdes demais, só bobo comê-las-ia.”

Que fazer se não se queixar?

3.1.4. *A Raposa e as Uvas (Monteiro Lobato)*

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

– Estão verdes – murmurou. – Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisso deu o vento e uma folha caiu.

A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa e pôs a farejar...

Quem desdenha quer comprar.

3.1.5. *A Raposa e as Uvas (Millôr Fernandes)*

De repente a raposa, esfomeada e gulosa, fome de quatro dias e gula de todos os tempos, saiu do deserto e caiu na sombra deliciosa do parreiral que descia por um precipício a perder de vista. Olhou e viu além de tudo, à altura de um salto, cachos de uvas maravilhosos, uvas grandes, tentadoras. Armou o salto, retesou o corpo, saltou, o focinho passou a um palmo das uvas. Caiu, tentou de novo, não conseguiu. Descansou, encolheu mais o corpo, deu tudo que tinha, não conseguiu nem roçar as uvas gordas e redondas. Desistiu, dizendo entre dentes, com raiva: "Ah, também, não tem importância. Estão muito verdes". E foi descendo, com cuidado, quando viu à sua frente uma pedra enorme. Com esforço empurrou a pedra até o local em que estavam os cachos de uva, trepou na pedra, perigosamente, pois o terreno era irregular e havia o risco de despencar, esticou a pata e conseguiu! Com avidez colocou na boca quase o cacho inteiro. E cuspiu. Realmente as uvas estavam muito verdes!

MORAL: *A frustração é uma forma de julgamento tão boa quanto qualquer outra.*

3.1.5.1. Pontos em comum

Todos os autores por nós estudados apresentam as mesmas estruturas: a fábula é encenada por um ser irracional, a raposa, onde ela pensa, sente, age e fala como se fosse um ser humano. Fazendo uso desse recur-

so, a fábula satiriza ou explica determinados comportamentos e sentimentos humanos.

3.1.5.2. Diferenças de estilo

Em Esopo, como em *La Fontaine*, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes a fome da raposa é apresentada como um adjetivo. A raposa se encontrava faminta (Esopo), quase morta de fome (*La Fontaine*), esfaimada (Monteiro Lobato) e esfomeada e gulosa (Millôr Fernandes). Em Fedro, porém, a fome da raposa é como que personificada pelo uso do agente da passiva. A raposa não tem fome, ela é coagida pela fome.

Esopo, Fedro e *La Fontaine* são mais sucintos e diretos, apresentando a mesma estrutura na fábula, com leves acréscimos em um ou outro: a raposa faminta, quase morta de fome ou coagida pela fome vê as uvas, as deseja, não as pode alcançar e inventando uma desculpa vai embora.

Já Monteiro Lobato e Millôr Fernandes acrescentam elementos a mais em suas fábulas, além de que as raposas deles são mais persistentes em seus objetivos.

La Fontaine situa sua raposa, ela é da Gasconha ou Normandia, não é de um lugar indefinido, como a raposa também apresenta-se indefinida (certa raposa).

Monteiro Lobato faz uso de diminutivos como quem de fato está dirigindo-se a crianças: a parreira é “carregadinha”, os cachos são lindos cachos maduros, e, ao cair da folha, a raposa ouve um “barulhinho”. Há, em Monteiro Lobato uma seleção vocabular um tanto quanto coloquial: os cachos maduros são coisa de fazer vir água à boca; o bicho é matreiro e as uvas são verdes que só pra cachorro.

Millôr Fernandes define sua raposa, não é uma ou certa raposa, mas é a raposa. Seu lugar é o deserto onde há um precipício de perder de vista. Sua raposa, diferentemente, das dos outros autores consegue seu objetivo, mas se frustra ao constatar que realmente as uvas estavam verdes. Ela parece ser a mais humana das raposas: olha, vê, arma o salto, retesa o corpo, salta, descansa, encolhe mais o corpo, não consegue o objetivo, desiste, tem raiva, empurra a pedra, estica a pata, consegue o objetivo, coloca as uvas na boca e se frustra: "Realmente estavam muito verdes."

3.1.5.3. Aspectos moralizantes

Na moral de cada autor está presentes sobretudo a explicação de certos comportamentos humanos. Assim, Esopo, por exemplo, explica que os que acusam as circunstâncias o fazem porque não são capazes de fazer suas atividades. Fedro, por sua vez, é mais satírico, dizendo que os que elevam pelas palavras as coisas que não podem fazer, deverão acrescentar este exemplo para si. Satíricos também são os outros autores La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes, e este também faz uso da ironia.

3.2. A fábula “O Lobo e o Cordeiro”

3.2.1. Pontos em comum

Em todos os autores, que escreveram a fábula homônima: “O lobo e o cordeiro”, podemos afirmar que a estrutura é similar: presença de animais, de seres irracionais, que pensam, sentem, agem e falam, como se fossem seres humanos. Dessa maneira, a escolha dos animais é significativa para o aspecto moralizante pretendido, no intuito de ensinar-nos que o lobo simboliza a força e o poder, ao passo que o cordeiro reflete a fragilidade, a inocência e a pureza de vida e de coração.

Assim, valendo-se desses animais, cada autor vai procurar explicar certos comportamentos ou sentimentos humanos, ou mesmo, satirizar certos grupos políticos da época, que utilizam do seu poder para oprimir os mais fracos. Vale ressaltar que, por causa dessa relação entre força e fraqueza, presente nesses animais, em torno dos quais foram criados alguns provérbios, tais como: “Ele é um lobo em pele de cordeiro”, para dizer, acerca da falsidade de uma pessoa; ou o tão conhecido: “Como um cordeiro no meio de lobos”, para se referir àquelas pessoas que se encontram no meio de perigos.

3.2.2. Estilo de cada autor

3.2.2.1. Phaedrus

Lupus et Agnus

Ad rivum eundem lupus et agnus venerant siti compulsi; superior stabat lupus longeque inferior agnus. Tunc foce improba latro incitatus iurgii causam intulit. “Quare”, inquit, “turbulentam fecisti mihi aquam bibenti?” Laniger

contra timens: “Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe? A te deccurrit ad meos haustus liquor”. Repulsus ille veritatis viribus: “Ante hos sex menses male” ait “dixisti mihi”. Respondit agnus: “Equidem natus non eram”. “Pater hercle tuus” ille inquit “male dixit mihi”; atque ita correptum lacerat, iniusta nece.

Haec propter illos scripta est homines fabula, Qui fictis causis innocentes opprimunt.

Fedro

O Lobo e o Cordeiro

Para o mesmo rio, o lobo e o cordeiro tinham vindo impelidos pela sede. Mais acima, de pé, estava o lobo, e muito mais abaixo o cordeiro. Então o ladrão incitado pela goela improba apresentou a causa do litígio. “Por que”, diz, “fizeste turva a água, a mim que bebo?” O Lanífero, de outra parte, temendo perguntou: “Como posso fazer o que te queixas, ó lobo? O líquido decorre de ti para os meus goles”. Aquele repellido pelas forças da verdade disse: “Antes destes seis meses falaste mal de mim”. O cordeiro respondeu: “Na verdade, eu não tinha nascido”. Aquele disse, “Por Hércules! Teu pai falou mal de mim”; e assim dilacera o arrebatado com morte injusta.

Esta fábula foi escrita por causa daqueles homens que oprimem os inocentes com causas inventadas.

Em Fedro, inicialmente, ressaltamos o fato de que ele já inicia a fábula com uma ideia de rivalidade entre o lobo e o cordeiro. O autor diz que eles vêm *Ad rivum eundem* (ao mesmo rio). Com efeito, é desse *ri-vum* (riacho) que temos em português, por exemplo, rival, rivalidade e seus derivados.

Nessa relação entre o lobo e do cordeiro, o primeiro está na parte superior e o cordeiro, de longe, está na parte inferior. Com isso, podemos constatar que o fabulista propositadamente faz uso das palavras *superior* e *inferior*, que no português vieram com a mesma estrutura linguística, nelas já implicitamente configura-se essa ideia de poder, de quem está mais acima e de quem está mais abaixo. Assim, o autor não está apenas fazendo a descrição de um espaço geográfico, mas está querendo dizer que essa é a relação existencial que esses dois animais têm entre si. O lobo é superior, o cordeiro, inferior. E é nessa condição de superioridade que o lobo vai oprimir o cordeiro, primeiro por meio de palavras mentirosas e depois dilacera-o de forma violenta e de uma morte injusta.

3.2.2.2. Esopo

Λύκος καὶ Ἀρήν.

Λύκος θεασάμενος ἄρνα ἀπὸ πινος ποταμοῦ πίνοντα, τοῦτον ἐβουλήθη μετὰ πινος εὐλόγου αἰτίας καταθινῆσασθαι. θιόπερ στὰς ἀνωτέρω ἤπιᾶτο αὐτὸν ὡς θολοῦντα τὸ ὕδωρ καὶ πιεῖν αὐτὸν μὴ εἶντα. Τοῦ δὲ λέγοντος ὡς ἄκροις τοῖς χεῖλεσι πίνει καὶ ἄλλως οὐ δυνατὸν κατωτέρω ἐστῶτα ἐπάνω ταράσσειν τὸ ὕδωρ, ὁ λύκος ἀποτυχῶν ταύτης τῆς αἰτίας ἔφη· «Ἄλλὰ πέρυσι τὸν πατέρα μου ἐλοιδόρησας.» Εἰπόντος δὲ ἐκείνου μηδὲ τότε γενεῆσθαι, ὁ λύκος ἔφη πρὸς αὐτόν· «Ἐάν σὺ ἀπολογιῶν εὐπορήῃς, ἐγὼ σε οὐχ ἦπτον κατέδομαι.»

Ἵ Ὁ λόγος δηλοῖ ὅτι οἷα ἢ πρόθεσις ἐστὶν ἄδικεῖν, παρ' αὐτοῖς οὐδὲ δικαία ἀπολογία ἰσχύει.

Esopo

Um Lobo e um Cordeiro

Um lobo, ao ver um cordeiro que bebia num rio, quis devorá-lo com uma causa pautada na razão. Por isso, ainda que estando do lado de cima, acusa o cordeiro de estar turvando a água, e impedindo-o de bebê-la. Tendo respondido, o cordeiro diz que bebia com a ponta do focinho e que, além disso, estando na parte de baixo, ele não podia turvar a água da parte de cima. O lobo, não conseguindo este seu intento diz: “Mas no ano passado tu insultaste o meu pai”. Quando aquele cordeiro falou que naquele tempo ainda não tinha nascido, o lobo disse: “embora tu consigas te defender, eu não deixarei de te devorar”.

O discurso mostra que diante daqueles cujo plano é praticar a injustiça, nem uma defesa justa se mantém.

No que diz respeito a Esopo, este autor não apresenta uma ideia de rivalidade em sua fábula, tal como o fez Fedro, tendo em vista que não é essa a relação proporcionada pela preposição ἀπό mais o genitivo πινος ποταμοῦ, que, pelo contrário está indicando o lugar de onde o lobo bebia: ἀπὸ πινος ποταμοῦ (de um certo rio). Com efeito, nesta fábula o lobo deseja mostrar-se superior, e assim busca valer-se da razão, para que pudesse conseguir o seu escopo de devorar o cordeiro. O lobo procurava uma causa baseada na razão. Desse modo, Esopo estrutura de tal forma a sua fábula defendendo a ideia de que quando alguém já tiver pensado em praticar um plano injusto, mesmo que o outro apresente argumentos razoáveis, o primeiro faz prevalecer a sua vontade. É assim que o lobo aparece. Desde o início ele já quer devorar o cordeiro (*quis devorá-lo*), por isso o acusa sem fundamentos, e mesmo o cordeiro conseguindo se defender, o lobo faz prevalecer a sua vontade.

3.2.2.3. Jean de la Fontaine

O Lobo e o Cordeiro

Um cordeiro estava bebendo água num riacho. O terreno era inclinado e por isso havia uma correnteza forte. Quando ele levantou a cabeça, avistou um lobo, também bebendo da água.

– Como é que você tem a coragem de sujar a água que eu bebo – disse o lobo, que estava alguns dias sem comer e procurava algum animal apetitoso para matar a fome.

– Senhor – respondeu o cordeiro – não precisa ficar com raiva porque eu não estou sujando nada. Bebo aqui, uns vinte passos mais abaixo, é impossível acontecer o que o senhor está falando.

– Você agita a água – continuou o lobo ameaçador – e sei que você andou falando mal de mim no ano passado.

– Não pode – respondeu o cordeiro – no ano passado eu ainda não tinha nascido.

O lobo pensou um pouco e disse:

– se não foi você foi seu irmão, o que dá no mesmo.

– Eu não tenho irmão – disse o cordeiro – sou filho único.

– Alguém que você conhece, algum outro cordeiro, um pastor ou um dos cães que cuidam do rebanho, e é preciso que eu me vingue.

Então ali, dentro do riacho, no fundo da floresta, o lobo saltou sobre o cordeiro, agarrou-o com os dentes e o levou para comer num lugar mais sossegado.

MORAL: A razão do mais forte é sempre a melhor.

O fabulista francês coloca essa ideia do mais forte em sua fábula, na qual o lobo acaba prevalecendo, para dizer, desse modo, que o mais poderoso sempre acha uma forma para que a sua razão seja a melhor. Assim, nessa mesma relação de força e poder, por mais que o cordeiro de La Fontaine tentasse argumentar, defender a sua causa e se mostrar inocente, o lobo, por sua vez já está decidido: ele “que estava alguns dias sem comer e procurava algum animal apetitoso para matar a fome”, está totalmente convencido de que é com aquele frágil cordeiro que ele se alimentará. Para isso, tendo inventado todas as possíveis causas e mentiras, traz consigo uma certeza da qual ele próprio se convence: “É preciso que eu me vingue”, e, então, agarra com os dentes aquele que em si é só inocência.

3.2.2.4. Monteiro Lobato

O Lobo e o Cordeiro

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

– Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? – disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

– Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

– Além disso – inventou ele – sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

– Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

– Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

– Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

– Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E – *nhoc!* – sangrou-o no pescoço.

Contra a força não há argumentos.

Em Monteiro Lobato, continua a mesma relação de poder. No entanto, percebemos nitidamente que Lobato está se dirigindo a crianças. Depois que os seus filhos nasceram, Lobato viu que faltavam boas histórias para as crianças brasileiras, então, resolveu adaptar e recontar as fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine. Desse modo, tendo em vista o seu público alvo, é perceptível na sua fábula recursos como o uso dos diminutivos, bem próximos da linguagem pueril: *cordeirinho*, *pobrezinho*; percebe-se, de fato, uma linguagem mais coloquial, como que em tom de conversa: *de horrendo aspecto*, *arreganhando os dentes*, *mas não deu o rabo a torcer*, e o uso da onomatopeia: *nhoc*.

3.2.2.5. Millôr Fernandes

O Lobo e o Cordeiro

Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo que ouvia a oz cavernosa: “Vais pagar com a vida o teu miserável crime”. “Que crime?” – perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com o lobo não adianta argumentar. “O crime de sujar a água que bebo.” “Mas como sujar a água que bebes se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda?” – indagou o cordeirinho. “Por mais limpo que esteja um cordeiro é sempre sujo para um lobo” – retrucou dialeticamente o lobo. “E vice-versa” – pensou o cordeirinho, mas disse apenas: “Como posso sujar a sua água se estou abaixo da corrente?”. “Pois se não foi você foi seu pai, foi sua mãe ou qualquer outro ancestral e vou comê-lo de qualquer maneira, pois, como rezam os livros de lobologia, eu só me alimento de carne de cordeiro” – finalizou o lobo preparando-se para devorar o cordeirinho. “*Ein moment! Ein moment!*” – gritou o cordeirinho traçando o seu alemão kantiano. “Dou-lhe toda razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei pra cá todo o rebanho.” “Chega de conversa” – disse o lobo. “Vou comê-lo, e está acabado.” “Espera aí” – falou firme o cordeiro. “Isto não é ético. Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas.” “Está bem” – cedeu o lobo, irritado com a lembrança do código milenar da jungle. “Qual é o animal mais estúpido do mundo?” “O homem casado” – respondeu prontamente o cordeiro. “Muito bem, muito bem!” – disse logo o lobo, logo refreando, envergonhado, o súbito entusiasmo. “Outra: a zebra é um animal branco de listas pretas ou um animal preto de listas brancas?” “Um animal sem cor pintado de preto e branco para não passar por burro” – respondeu o cordeirinho. “Perfeito!” – disse o lobo, engolindo a seco. “Agora, por último, diga uma frase de Bernard Shaw.” “Vai haver eleições em 66” – respondeu logo o cordeirinho, mal podendo conter o riso. “Muito bem, muito certo, você escapou!” – deu-se o lobo por vencido. E já ia se preparando para devorar o cordeiro quando apareceu o caçador e o esquartejou.

MORAL: Quando o lobo tem fome não deve se meter em filosofias.

Millôr Fernandes, por fim, de certa forma satiriza a fábula tradicional.

Ao contrário dos demais autores, Millôr narra a fábula, a partir da experiência do cordeiro: este aparece como superior ao lobo. Desse modo, no final não será a força física que vai sair vencedora, mas sim a força da palavra e do argumento do cordeiro, que soube ludibriar o lobo de tal forma que ganhou tempo até a chegada do caçador que esquartejou o lobo. O cordeiro de Millôr é mais esperto que o lobo, pois, com frequência, o lanígero caçoa daquele que, em tese, seria o mais forte. Diferentemente dos outros autores, Millôr concede um tom mais humorístico à sua fábula, o que é característico deste autor.

4. Aspectos moralizantes das fábulas

De uma forma geral, as fábulas procuraram mostrar, sobretudo, como os mais fortes, e os que estão em uma condição de superioridade impõem a sua força sobre os mais fracos. E inclusive, eles são até capazes de inventar motivos para oprimir esses inocentes (Cf. em Fedro e em La Fontaine). De tal forma que quando se decidem a praticar o seu objetivo, não há argumentos que os façam mudar de ideia (Cf. Esopo e Lobato).

Por outro lado, uma das fábulas analisadas ilustra-nos que o uso da força também é feito por meio da habilidade com as palavras, por meio dos sofismas e ardis, que são capazes de enganar, de persuadir ao outro, como configura-se na fábula do cordeiro, de Millôr Fernandes: o lanígero procurou ganhar tempo (quando percebeu que não adiantaria argumentar com o lobo) e conseguiu tal escopo por meio da esperteza.

Esse tema, do forte que oprime o fraco, foi uma das críticas que sempre se fez presente em nosso autor, Fedro. Ele passou por essa experiência de ter sido um escravo, e por isso ficou com o espírito aguçado para criticar os ricos e poderosos. E, às vezes, era-lhes alvo de certo preconceito. Ele sempre “os via com desconfiança, com antipatia ou com desprezo”, como nos diz Ernesto Faria (1959, p. 267).

Sabemos que Fedro escreveu durante os governos de Calígula e Tibério, entre os anos 14 d. C. e 41 d. C. Por ocasião do governo de Tibério, o fabulista Fedro lançou os dois primeiros livros, que continham alusões políticas ao mau governo de Roma. Encontra-se no primeiro livro a fábula “*O lobo e o cordeiro*”. Quiçá, por causa de algumas dessas alusões, foi perseguido por Serjano, principal auxiliar do imperador Tibério.

Fedro escreveu ao todo 123 fábulas, divididas em 5 livros, e certamente foi o mais ilustre fabulista latino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELEZA, Manuel. *As fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex. 2002.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CHAGAL, Marc. *Fábulas de la Fontaine*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

CITRONI, M. et alii. *Literatura de Roma antiga*. Lisboa: Caloluste Gulbenkian, 2006.

FARIA, Ernesto. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

FERNADES, Millôr. *100 fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. *Tradução das fábulas de Fedro*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1952.

<http://www.thelatinlibrary.com>

<http://www.e-biografias.net>

<http://www.macricopia.com.br/analise-e-comentarios-sobre-a-fabula-de-fedro-o-lobo-e-o-cordeiro/>

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Globo, 2012.

MARMORALE, Enzo V. *História da literatura latina II*. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad.: Manuel Losa, S. J., 13. ed. Lisboa: Caloluste Gulbenkian, 1983.

PFROMM NETTO, Samuel. De Esopo e Fedro aos Muppets: A trajetória da fábula. In: FEDRO. *Fábulas*. Trad.: Antônio Inácio de Mesquita Neves. Campinas: Átomo/PNA, 2001.

PHÈDRE. *Fables*. Texto estabelecido e traduzido por Alice Bredot. Paris: Les Belles Lettres, 2009.